



Comunicação COVID19

Ponto de situação 23 de Maio

Sábado, 23 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

30.471 CASOS DE COVID-19

MAIS 271 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,89%



ÓBITOS

1.302 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 13 VÍTIMAS MORTAIS (+1%)

NORTE-732

CENTRO-230

LISBOA E VALE DO TEJO-309

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

7.705 CASOS DE RECUPERAÇÃO

2.308 AGUARDAM RESULTADOS

308.584 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

550 INTERNADOS (1,8%) / 80 UCI (0,26%)



Países "frugais" da UE – Países Baixos, Áustria, Suécia e Dinamarca – recusam plano de Merkel e Macron e propõem empréstimos a troco de reformas estruturais.

Governo admite prolongar "lay-off" simplificado, mas com mudanças.

Preços dos combustíveis vão registar maior subida desde janeiro.





MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Professores vão procurar sinais de maus tratos nas aulas online. Violência doméstica no banco dos réus.

Acompanhámos dez julgamentos, da investigação à sentença.

Como a pandemia nos reconciliou com a cozinha. Saída da NOS e Benfica deixam Pedro Proença a prazo na Liga. Acionista do Novo Banco pressionado a revelar contrato. Justiça quer que eurodeputado do PSD, Álvaro Amaro, perca mandato. “A obesidade é hoje uma pandemia muito mais letal do que a da covid-19”. John Preto, cirurgião e diretor do Centro de Responsabilidade Integrada de Obesidade do Hospital de São João, no Porto. “Vamos ajudar a que a praia possa ser fruída em segurança”. Jorge Seguro Sanches, o secretário de Estado da Defesa com a tutela da Polícia Marítima, garante que não haverá ação militar nas praias, apenas sensibilização e ajuda aos banhistas. Mas confirma que, este ano, vamos precisar de um “guia de boas práticas” na praia. **(Online)**– Estudos começam a mostrar que pode ser prejudicial tratar a covid-19 com hidroxicloroquina– Equipa de reumatologistas do Hospital de Santa Maria, em Lisboa. Nos deixa de patrocinar Liga de futebol no final da próxima temporada. Limpeza, distanciamento e o “direito de brincar”. Orientações para reabertura do pré-escolar já são conhecidas. Em média, só cerca de 10% dos alunos não regressaram às aulas presenciais. Exames terão em conta perguntas em que alunos se saírem melhor, além das obrigatórias. Dilma defende aliança “antifascista” contra Bolsonaro, até com quem apoiou o seu impeachment. PSD, BE e PAN chegam a acordo para reforçar apoios aos sócios-gerentes. Elogios antes do almoço: Marcelo saúda Rio e Rio equipara-se a Marcelo. Governo abre programa de 30 milhões para câmaras apoiarem cultura.



(Edição Papel) Idosos obrigados a ficar anos no hospital sem estarem doentes. Entrevista a Jerónimo de Sousa: “Está nas mãos do

PS impedir que o governo caia”. À conversa... Marçal Grilo e Nuno

Crato. "Nada substitui as aulas presenciais". Reabertura da economia. Lojistas pedem desconto nas rendas, obras públicas farão da construção motor da recuperação. Germano Almeida "Temos horror à fome em Cabo Verde. A Rita Pereira tem de saber expressar-se". América no espaço e a nova luta das potências. Reportagem. Comporta já mexe com portugueses e bom tempo. Opinião de Carlos Mineiro Alves, Rita Faden e Juan Luís Cebrián. **(Online)** Pelo menos 20 enfermeiros com covid-19 tiveram "cortes significativos" ou não receberam o ordenado. Depois de dois meses sem "ir ao serviço", vai ficar tudo na mesma? Costa apela a distanciamento social e higiene porque "vírus não anda por si". Mais atividade ao ar livre e calçado trocado à porta. As regras para o pré-escolar reabrir. Hospitais de campanha isentos de taxas até 2021.



Homicídio de rapper. Caça ao homem em Inglaterra. Suspeitos do crime fugiram durante a quarentena. Emitidos mandados de captura europeus para apanhar os suspeitos.

Marcelo elogia Rui Rio e Costa pede consenso. Sinais de crise na venda de casas. Pontes aéreas podem salvar verão no Algarve. Falha de hospital deixa enfermeiros sem salário. 23 Anos por matar namorado da ex. Benfica tira tapete a Proença na Liga. Competição regressa a 3 de junho. Corrupção na Região Centro. Ministério Público pede perda de mandatos de autarcas acusados. Paquistão. Avião com 99 pessoas cai em zona residencial.



Governo negocia corredor turístico com Reino Unido. Boris Johnson impõe quarentena, mas está na calha exceção para Portugal. Mercado britânico representa um quinto das dormidas da hotelaria.

Rio ao lado de Marcelo. Pandemia. ASAE apreende duas mil máscaras ilegais por dia. Construção civil aguenta embate da Covid-19. Melhores respostas valorizadas na correção dos exames de 11º e 12º.



(Edição) "Brincar é uma excelente forma de conquistar imunidade", Carlos Neto. Professor e investigador. A saúde em tempos de confinamento. Amputação de diabéticos está a

disparar. Feiras regressam. A da Ladra e a do relógio reabrem este fim de semana. Moratórias. Bancos já receberam mais de meio milhão de pedidos. TVI. Equipa de Ana Leal volta a acusar diretor de proteger o Governo. Farta Brutos. O coração do sr. Oliveira continua a bater-lhe fora do peito... Vigílias das Artes "Não podem ir à TV mentir e dizer que está tudo bem".



(Online) Fitch não se pronuncia sobre Portugal. PCP vai pedir apreciação do decreto do Governo sobre os sócios-gerentes. Preços dos combustíveis vão registar maior subida desde janeiro. CTT sobem preços a partir de 1 de junho. Marcelo e Costa visitam empresa acusada de querer despachar trabalhadores.



(Online)- PSD, BE e PAN juntos para alargar lay-off a sócios-gerentes. Numa semana, mais de 15 mil empresas pediram apoios para reabrir portas. 2.600 já receberam luz verde. Um mês após ter baixado a perspetiva, Fitch não se pronuncia sobre Portugal. Cerca de 50 mil empresas pediram para pagar IVA e IRS faseadamente. Media Capital garante que não vai recorrer ao lay-off. Governo vai "aligeirar" controlos nas fronteiras. Quer emigrantes no verão.



(Online) Algarve com reservas antecipadas de toldos de praia para verão incerto. Sonae notifica Concorrência da compra Salsa. Fitch mantém 'rating' de Portugal inalterado. 'Lay-off' simplificado poderá ser adaptado à atual fase da retoma da atividade, defende ministra do Trabalho. "Uma realidade trágica". George Soros alerta que Covid-19 ameaça sobrevivência da Europa.



(Edição) Construção aguentou primeiro embate da crise. Agora é preciso investimento público. Lojistas de shoppings pedem corte de rendas à medida do negócio. S&P: dinheiro da troika e BCE protegem Portugal de crise na dívida. Ricardo Reis "Em 2021, austeridade por poupança a mais seria a pior política". Estado da Nação. "Governo

foi excessivo ao dizer que o lay-off não iria prolongar-se". Paulo Portas "Portugal deve planear já como captar investimento". Moda e máscaras: Zara volta a encomendar em força em Portugal. CR&F subiu vendas em 10% para casas e já voltou à mesa dos restaurantes. **(Online)** Turim Hotels. Trabalhadores em lay-off com 30% do salário. Dona da TVI não renova lay-off na produtora Plural. Autoeuropa sai do lay-off. Parque industrial perdeu 1000 empregos. Carga fiscal "vai deixar saudades" porque era reflexo do aumento no emprego. "Não houve nenhum aumento de impostos", era o efeito do emprego, defendeu o secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, António Mendonça Mendes. Novas PPP na saúde só com estudo a fundamentar decisão. Vítor Palmela Fidalgo refere que patente de uma vacina contra a Covid-19 será "mais interessante para Estados do que para os privados". PCP propõe nacionalização imediata do Novo Banco. Operadores do Porto de Lisboa denunciam contrato coletivo com estivadores.

OBSERVADOR

(Online)- Milhões de Paris e Berlim? Sim, mas há condições. Vídeo de Bolsonaro. "Vou interferir e ponto final". Carlos Costa defende separação dos gastos em Covid.

Como a Covid pode moldar as cidades modernas. O distanciamento social está a obrigar cidades a alargar passeios e a criar corredores sanitários para peões e ciclistas. É uma mudança à força, moldada pela pandemia. Como se explicam os surtos na Azambuja? Mais de 8 mil pessoas trabalham nas empresas de um dos principais centros logísticos do país. Muitos chegam de comboio a um pequeno apeadeiro e trocam turnos à mesma hora. Já houve quase 180 casos. E já começou em Portugal. Benfica apresenta demissão da Direção da Liga. Entrevista a Manuel Monteiro. Ex-líder do CDS voltou e quer devolver "decência" à política: "Perdeu-se a vergonha". "Não sou hipótese". Monteiro fora de presidenciais. TAP volta a prolongar layoff até final de junho. Guia oficial para a reabertura do pré-escolar. Santos Silva diz que turistas são "bem-vindos". PCP visa Mário Ferreira por layoff e compra da TVI. "Se Ana Gomes avançar fico muito contente", Helena Roseta.



(Online) Laboratório erra em testes a futebolistas. Casos identificados como infetados estavam negativos. Laboratório escolhido pela Liga só acertou em 2 de 11 análises ao Guimarães e Famalicão. Empresa que ganhou os testes é liderada por filhos de

Luís Filipe Menezes e Fernando Gomes, presidente da FPF. Liga justifica escolha de laboratório que falhou testes de covid-19: "A Unilabs acolheu todas as exigências impostas pela Liga Portugal". BE quer Marisa e isola Ana Gomes. BES- Acusação a Ricardo Salgado sai até ao verão. Governo admite prolongar lay-off até ao final do ano. Centeno trava lei que tira poderes ao Governador. Vagas em Medicina crescem até 15%. Há praias no Algarve com lotação para 10 pessoas. O caso do rapaz com a forma rara de covid-19. Pablo Iglesias- "Tenho inveja da unidade política em Portugal". Apoiente do Chega compra o Canelas. Governo cria novo fundo. Estado vai apoiar a capitalização de empresas com mais de 50 trabalhadores para relançar a economia. Venda de máscaras investigada. Adolfo estuda caminho à direita (e no CDS). Vice da Comissão quer subsídios para Portugal. Mas Berlim exige reformas. Merkel aceita pagar para ajudar o Sul (com condições). Dombrovskis defende subvenções a fundo perdido. Marcelo quer repetir eleição acima dos partidos. O estranho silêncio do primeiro voo Lisboa-Porto. Manuel Heitor Ministro da Ciência e do Ensino Superior- "Cursos devem ter menos aulas por semana". Cordão umbilical utilizado para salvar doentes críticos com pneumonia covid-19. Ajuda do Estado à TAP pode chegar a €1200 milhões. Banco de Portugal vai ser maior credor do Estado. REVISTA Carlos Costa "Tenho um perfil que não é tão simpático. É a vida".



(Edição) Fantasma da crise entre Soares e Zenha volta a pairar sobre o PS. "Sei o que é ganhar o pão a cada dia", entrevista

exclusiva a Tedros Adhanom Ghebreyesus, Diretor Geral ad OMS, que elogia Portugal, nega pressões da China e responde com diplomacia a Donald Trump. Paula Amorim e Miguel Guedes de Sousa foram pais nos EUA. Joacine admite criar partido antirracista. O "Pinho". Sol descobre pede autor dos documentos à venda na net. Hélder Pedro (Secretário geral da ACAP) "O IVA do automóvel devia baixar para 13%". **(Online) Má nutrição. Falta de**

acompanhamento na pandemia pode fazer aumentar casos. Sinal vermelho não impede acesso à praia: "O acesso à praia é livre", afirma Matos Fernandes. Oxford Economics prevê "derrota histórica" de Donald Trump devido a covid-19. ASAE diz que é ilegal obrigar utentes a comprar máscaras. ERS tem outra opinião. Avião com 107 pessoas a bordo despenha-se no Paquistão.



(Online)- OMS no meio da guerra Washington-Pequim; China sem novos casos. Enfermeiros queixam-se do Estado à OIT por violação de normas.



(Online) Portugal é dos países com maior percentagem de casos ativos de Covid-19. Enfermeiros infetados pela Covid-19 com cortes no salário. Eurodeputado do PSD, Álvaro Amaro, entre os nove acusados de prevaricação em PPP. China publica ensaio clínico de 1.ª vacina "segura" contra a Covid-19.



(Online) Quando os pais testam positivo: a história de uma família separada pela Covid-19. Covid-19: Já há orientações para reabertura do pré-escolar. Dirigente nacional do Chega demite-se. O exemplo de esperança que vem da República Checa: vírus dado como controlado duas semanas após reabertura. Ferro deixou na gaveta pedido para que as presenças-fantasma dos deputados fossem investigadas. Covid-19: Alguns doentes desenvolvem problemas graves depois de estarem curados.



"Quero que o povo se arme." Bolsonaro diz querer evitar ditadura. Mais mil mortos e 20 mil infetados no Brasil. Eurodeputado do PSD entre os nove acusados de prevaricação em PPP. O crime atribuído a Álvaro Amaro é referente ao período em que presidiu à Câmara de Gouveia. Redução das portagens nas ex-SCUT formalizada no próximo mês. A redução vai abranger as zonas de mais baixa densidade.



Covid-19 nos lares. “Se não fossem os voluntários, podia ter sido uma tragédia”.

Pagar mais para adiar casamentos. A angústia dos noivos e das empresas. Ministério garante pagamento a enfermeiros infectados com Covid-19. Laboratório dos filhos de Menezes e Fernando Gomes erra nos testes aos jogadores do Guimarães e Famalicão. Queixas de violência doméstica vão “disparar” com o fim do confinamento. Costa diz que é preciso lutar pela economia. “Não pode ser a cura a dar cabo de nós”. Portugal vai comprar mais 500 mil vacinas para a gripe do que em 2019.



Programa Adaptar. Primeiros apoios vão começar a chegar às empresas.

Covid-19. Hertz declara bancarrota nos Estados Unidos e Canadá. Livre reconhece “pontos em comum” com Ana Gomes, mas ainda não tem decisão sobre presidenciais. Incêndios. Contratos da GNR em edifício devoluto geram polémica. Sexta às 9. Há empresários que ainda aguardam dinheiro do lay-off. Covid-19. AHRESP preocupada com situação dos restaurantes. Rio Douro sem navios de cruzeiro há mais de dois meses.



DN-André Carrilho

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Vírus já matou mais de 335 mil pessoas e infetou mais de 5,1 milhões no **MUNDO**.
- Número diário de mortes em **ESPAÑA** sobe para 56. Total de 28.628 óbitos.
- **ITÁLIA** registou 130 novas mortes e soma 32.616 óbitos
- **FRANÇA** regista 74 mortos nas últimas 24 horas. Total de 28.289 óbitos.
- Recuperações superam novos casos na **ALEMANHA**. Total de 8.174 vítimas mortais. O número total de casos já chega perto dos 178 mil, havendo o registo de 8216 mortes (mais 42 nas últimas 24 horas).
- Mais 351 mortos no **REINO UNIDO**, elevando o total no país para 36.393.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** com 1.225 mortos nas últimas 24 horas. Total de 95.886 vítimas mortais.
- Mais de mil mortos e 20.803 infetados nas últimas 24 horas no **BRASIL**, totalizando 21.048 óbitos e 330.890 pessoas diagnosticadas.
- Mortos em **ÁFRICA** sobem para 3.183 em mais de 103 mil infetados
- **RÚSSIA** aumenta o crescimento dos casos, mas sem descontrolo. 3.388 pessoas morreram no país devido ao novo coronavírus.
- **CHINA** não regista qualquer caso de covid-19 pela primeira vez desde o início da pandemia.
- Covid-19 deixou **80 milhões** de **crianças sem vacinas** e em risco de outras doenças.
- **ÍNDIA** começa a desconfinar e regista seis mil casos num só dia
- **AMÉRICA DO SUL É UM NOVO EPICENTRO DA PANDEMIA**



FRASES DO DIA

- **" Um dos motivos pelos quais vim aqui foi para saudar Rui Rio como líder da oposição e candidato a primeiro-ministro. Como líder da oposição, foi um exemplo. Acho que não conseguiria fazer o que ele fez, nomeadamente numa circunstância como esta, de todos os dias ter de enfrentar situações novas e inesperadas",** Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **"Combinamos tão harmoniosamente que colaborámos há não sei quantas décadas e colaborámos todos os dias nos anos 90, que já lá vão muito longe. É evidente que sim, por razões óbvias não só colaboramos harmoniosamente como até pertencemos à mesma área e isso não é um problema de colaboração, é um problema de origem",** Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **"Acho que as pessoas vão ter saudades da carga fiscal dos últimos anos. Vou explicar porquê. A carga fiscal, [é] o conjunto da receita fiscal e contributiva, e a grande influencia para o aumento da carga fiscal foi a receita contributiva, que decorreu de mais e melhor emprego", que levou a que a receita das quotizações e contribuições da Segurança Social estivesse a crescer mais de 7%",** António Mendonça Mendes, Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais.

- **“O que aconteceu na Autoeuropa foi feio e é uma nódoa que fica”,** Helena Roseta, ex-Deputada e ex-Presidente da Assembleia Municipal de Lisboa.
- **“A agricultura que é apoiada, financiada por dinheiros europeus e aquela por onde vagueiam exércitos de trabalhadores asiáticos semiescravos é a agricultura superintensiva, predadora da terra e esbanjadora de água”,** Miguel Sousa Tavares. Jornalista.
- **“A maioria da Comunicação Social está refém do poder sem que alguém lhe tivesse pago. Muitos jornalistas entregam-se às teorias do spin doctors (assessores encarregados de ser fontes anónimas e ditar aos jornais o que convém a quem lhes paga)”**, Henrique Monteiro, jornalista.
- **“Na política o que houver a chorar deve chorar-se em casa”,** Pablo Iglesias Vice-primeiro-ministro e ministro dos Direitos Sociais e Agenda 2030, secretário-geral do Podemos
- **Dívida portuguesa: “Não há uma desvantagem, há um desafio”,** Carlos Costa, Governador do Banco de Portugal.
- **“O teletrabalho deveria ser proposto pelas empresas, pela Administração Pública e pelos trabalhadores, porque beneficia todos muito mais do que prejudica”,** João Duque.
- **“É uma vergonha. Eu não sou informado e não dá para trabalhar assim. Por isso, vou interferir. Ponto final.”**, Jair Bolsonaro, Presidente do Brasil.
- **“Tem de ficar claro que há uma segregação de dívida que resulta de um facto particular, que não é recorrente e que vai ser absorvido de forma determinada por uma afetação de receitas futuras ao longo de um período**

longo, e assim o mercado compreende", Carlos Costa, Governador do Banco de Portugal.



ARTIGOS SELECIONADOS

PORQUE É QUE AS VENDAS DE CIMENTO SUBIRAM NO MEIO DA CRISE?

A pandemia praticamente parou o país, mas não travou o mercado da construção. Vendas de cimento cresceram. Porquê? Resolvemos o mistério de Centeno.

A pandemia teve um forte impacto em vários setores da economia portuguesa, que registaram fortes quedas na atividade. No entanto, nem todos o sentiram, havendo mesmo alguns que escaparam aos efeitos adversos do Covid-19. Mário Centeno, ministro das Finanças, destacou, com surpresa, o aumento nas vendas de cimento durante o confinamento. Afinal, o que explica este comportamento? O que está por detrás deste mistério?

Apesar de as ruas portuguesas terem ficado quase desertas durante o estado de emergência, ainda era possível encontrar movimento à volta de andaimes e ouvir o som das ferramentas. No mês de março, verificou-se um aumento homólogo de 6,7% nas vendas de cimento, e uma subida de 0,8 p.p. face ao mês precedente (5,9%), de acordo com os dados do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério das Finanças.

Para o mês passado ainda não há dados publicados, mas Mário Centeno adiantou, numa entrevista à TSF (acesso livre), que as vendas de cimento tinham aumentado 11,5%, “surpreendentemente, porque em abril estávamos já no momento mais crítico do confinamento”, disse.

Existem algumas razões para este aumento, mas a principal será mesmo que, “apesar da crise da Covid-19, o Estado de Emergência não decretou a suspensão das obras e o que verificamos é um mercado da construção em Portugal surpreendentemente ativo e com um aumento significativo do consumo de cimento face ao ano anterior”, nota fonte oficial da Cimpor, ao ECO.

Habitação continua a todo o gás. Luxo destaca-se

A evolução positiva do consumo de cimento no mercado interno estará também relacionada com outros fatores. Um deles é então o “forte dinamismo no setor da habitação”, que se manteve desde o ano passado, “quer ao nível da obra nova, quer ao nível da obra de reabilitação; nomeadamente no segmento de luxo que está menos exposto a crises conjunturais”, explicou a empresa portuguesa.

A Secil nota também que o aumento do consumo de cimento no mês passado “está em linha com os aumentos que se verificavam no mercado desde o início do ano, em consequência do bom momento vivido no setor da construção civil e reabilitação urbana”, ao ECO. Para além disso, o “bom tempo que se registou e que acelera o ritmo de execução das obras” terá também tido um papel.

Grandes obras, grande consumo

Contribuíram também as grandes obras de engenharia, “que apesar do número reduzido representam consumos significativos, mantiveram o seu ritmo normal e

sem interrupções, como o projeto da Barragem do Alto Tâmega, algumas infraestruturas públicas Ferroviárias e Rodoviárias”, aponta a Cimpor.

A Secil nota que, para que a atividade neste setor possa manter estes níveis de emprego, volume de negócios e liquidez “é crucial que o Governo adjudique as obras já lançadas a concurso, lance novos concursos dos projetos aprovados e liquide atempadamente os trabalhos públicos já realizados”.

Estas ações iriam garantir “a injeção de liquidez na economia através deste setor de elevadíssima incorporação endógena, tanto de mão-de-obra, como de serviços e materiais de construção”, defende a empresa.

Com mais tempo em casa, portugueses viram-se para bricolage

O aumento nas vendas de cimento nos últimos tempos poderá também estar ligado ao facto de que, com o confinamento e com mais tempo em casa, os portugueses decidiram avançar com alguns pequenos projetos de remodelação, que talvez estivessem na gaveta há algum tempo.

“Outro contributo significativo, talvez fruto do elevado número de cidadãos em lay-off e que justifica a procura expressiva do segmento ensacado, terá sido o aumento do interesse por “trabalhos caseiros” de bricolage (Do It Yourself), ou seja, a pequena obra de remodelação”, indica a Cimpor.

Também a Secil refere que a variação positiva de alguns pontos percentuais registada no mês de abril, no consumo deste material usado nomeadamente para a construção, pode resultar de um conjunto de fatores onde se incluiu “o aumento pontual do consumo em clientes domésticos”.

Para além de todas estas razões, a Cimpor aponta ainda que “a escassez ou quase ausência de matérias-primas utilizadas frequentemente na produção de betão pronto, como é o caso da cinza volante, também favoreceu o aumento do consumo do cimento”. A Secil acrescenta que a reposição de stocks nos grossistas terá sido outro fator.

Fonte: **ECO**

“TEMOS CONDIÇÕES IDEAIS PARA O APARECIMENTO DE NOVAS PANDEMIAS”

ENTREVISTA- Miguel Bastos Araújo Prémio Pessoa 2018 e vice-diretor do Museu de Ciências Naturais de Madrid

O investigador que se tem dedicado a estudar os efeitos das alterações climáticas na natureza é um dos cientistas portugueses mais citados em todo o mundo. A partir de Madrid, falou com o Expresso, via Skype, sobre a relação entre biodiversidade, clima e pandemias. Alerta que a perda da vida selvagem aumenta a probabilidade de passagem de vírus de animais para humanos e deixa um aviso: “Os contágios silenciosos que se fizerem na fase de desconfinamento poderão emergir de forma descontrolada no final de setembro.”

Qual a relação entre a destruição de biodiversidade e as pandemias?

A probabilidade de ocorrência deste tipo de zoonoses (passagem de vírus de animais para humanos) aumenta com a redução do efeito de tampão da biodiversidade, já que um sistema biodiverso proporciona uma diversidade de hospedeiros para contágio. Portanto, haveria uma relação direta entre perda de

biodiversidade e emergência de novas pandemias. Falo no condicional porque trabalhamos com dados imperfeitos.

Só nas últimas quatro décadas houve quatro epidemias provocadas pela passagem de vírus de animais para humanos. A que se deve esta aceleração?

Há cada vez mais humanos e menos diversidade e biomassa de animais selvagens, logo a probabilidade de transmissão para humanos aumenta. Se acrescentarmos a isto o aumento do consumo de animais selvagens por via da sua classificação como artigo gourmet em alguns segmentos da sociedade asiática, e sabendo que os mercados onde se vendem não cumprem regras de higiene, temos condições ideais para o aparecimento de novas pandemias com origem em animais.

Há uma relação entre o clima e a forma como o vírus se espalha?

Há várias análises que apoiam a tese de uma relação entre clima e risco de propagação do vírus SARS-CoV-2. Mas o clima não é uma 'bala de prata'. O vírus vive no nosso organismo e pode transmitir-se por contágio direto de pessoa para pessoa, através de um espirro ou por contacto com superfícies contaminadas. Em condições ambientais que excedam determinados valores de temperatura, humidade e radiação, o vírus desintegra-se mais rapidamente, o que reduz a sua capacidade de contágio indireto. Por isso, no verão teremos uma taxa de contágio indireta mais reduzida, mas os benefícios podem ser insuficientes se os comportamentos forem perigosos.

O vírus não gosta de praia?

O ambiente de praia, com radiação, calor e sal pode não ser favorável ao vírus, mas a aglomeração de gente já o ser. Não recomendo a ida a uma praia cheia de gente, mas ir à praia é menos perigoso do que ir ao centro comercial.

Haverá uma nova vaga no outono?

Ninguém fala, neste momento, de fazer o rastreamento de cadeias de contágio, simplesmente porque o vírus se encontra generalizado na população portuguesa. No verão a perceção pública do risco vai diminuir porque as temperaturas mais elevadas irão reduzir a taxa de contágio em ambiente exterior, como referi. Os contágios silenciosos que se fizerem em Portugal na fase de desconfinamento poderão emergir de forma descontrolada no final de setembro e outubro. Vai depender da contribuição de contágios diretos versus contágios indiretos e de fatores que ainda desconhecemos, relacionados com a resposta imunológica do organismo humano ao vírus quando exposto a condições climáticas diferentes.

A investigação científica vai passar a ter mais apoios do que teve até agora?

Vamos ter uma crise económica sem precedentes e são raras as vezes que a ciência sai reforçada destas crises. Por outro lado, é evidente que só sairemos da crise com recurso à ciência. Temos de tomar decisões que afetam a casa planetária. Isto é verdade para a gestão de uma pandemia, mas também para a gestão da crise ambiental. É necessário recorrer ao método científico, a mecanismos de observação globais, a abordagens analíticas complexas, e a um nível de partilha de informação sem precedentes que só a ciência e a tecnologia permitem.

O que pensa da Estratégia Europeia para a Biodiversidade 2030?

Para qualquer pessoa que trabalhe em biodiversidade este é um momento auspicioso. Finalmente a biodiversidade entrou na política. É a estratégia mais ambiciosa que a União Europeia alguma vez teve, sobretudo porque avança com metas concretas e repensa a política fiscal de modo a refletir as políticas climáticas.

O que destaca?

A necessidade de reforço de corredores ecológicos entre áreas protegidas e avança medidas para que se possam restaurar territórios em terra e no mar, que são importantes para a regulação do clima. Tem um foco claro em ligar a política de biodiversidade à economia e à criação de postos de trabalho. A meta de ter 30% das áreas em terra e no mar protegidas até 2030 está ao alcance de Portugal, que já ronda esses valores na parte terrestre. Esta estratégia articula biodiversidade, clima e agricultura, o que não acontecia no passado. O pacote financeiro (€20 mil milhões por ano) também me parece estar à altura das intenções.

A estratégia também quer reduzir em 50% os pesticidas na agricultura e aumentar a área de produção biológica. Mas em Portugal assistimos ao aumento da área de estufas no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e do amendoal e olival superintensivos...

Grande parte do Baixo Alentejo está reservado para regadio industrial sem grandes preocupações ambientais. Tem-se ampliado a área de regadio

comprometendo alguns territórios com uma agricultura consumidora de água sem garantir que no futuro haja água para todos.

Teme recuos no Pacto Ecológico Europeu?

É cedo para concluir. É evidente que o foco na emergência climática e na biodiversidade em 2020 será agora partilhado com as emergências sanitária, económica e social instaladas com a covid-19. O desafio será fazer convergir objetivos de modo a que intervenções nas áreas do clima e da biodiversidade sejam positivas nos domínios económicos e sociais e vice-versa. Sem essa convergência seremos expostos ao contrassenso de investir recursos públicos para resolver o problema A e B, sendo que os objetivos de B poderão anular os benefícios do investimento em A. Era bom que evitássemos erros óbvios.

E como evitá-los?

Temos de encontrar formas de remunerar o valor dos ecossistemas, que nos fornecem serviços de valor económico incalculável — como a produção de ar puro, de solo, de infiltração da água, de retenção de carbono — que não têm um preço contabilizado para efeitos do PIB nem de coisa nenhuma. Se estes serviços dos ecossistemas forem remunerados, estamos a aliar a biodiversidade à economia e ao emprego. Sou adepto do sistema biobanking, já testado em alguns países, que permite dar créditos anuais a quem tem uma herdade e cria ribeiras e sequestra carbono, e aplica a ideia do poluidor pagador a empresas com grandes impactos negativos. Mas a transferência não é feita do poluidor para o Estado, mas sim do poluidor para um sistema de banca ambiental que remunera as atividades produtivas amigas do ambiente.

Como será o novo normal pós-covid?

Vejo muita gente entretida a prognosticar, mas sem sabermos quanto tempo durará a pandemia e quais as consequências finais ainda é cedo para especular. A única coisa certa, de momento, é que acelerámos o uso de novas tecnologias digitais de comunicação e o processo de desmaterialização da sociedade, com ganhos de eficiência energética por via da redução de deslocações. Quanto é que isto vale em termos ambientais está por contabilizar. Não é discutível que tenhamos que dar dinheiro para salvar empregos, mas já é mais discutível que se ajude a TAP sem contrapartidas.

O que pensa de um aeroporto no Montijo?

O estudo de impacte ambiental demonstrou que há impactos extremamente negativos. A decisão não foi ambiental, foi meramente económica.

Temos de viajar menos de avião?

A atividade das companhias aéreas está artificialmente barata porque não interiorizou o seu custo ambiental. Não defendo que se impeça as pessoas de viajar. Mas numa economia de mercado a maneira de incentivar comportamentos virtuosos é pelo preço.

Tem dito que o Homem é como um King Kong numa loja de porcelana. Porquê?

Existe uma relação direta entre energia e massa e podemos calcular a pegada energética real dos seres humanos comparando-a com a que seria de esperar dada a nossa massa. Do ponto de vista biológico, um organismo como o nosso teria uma potência de cerca de 120 Watt. Acontece que a nossa potência real, dado o nosso consumo energético, é de cerca de 10.000 Watt. Isto equivale a um peso

de cerca de 12 toneladas. Considerando estes cálculos seríamos quase oito mil milhões de King Kong no planeta a consumir energia que se retira ao sistema natural para usar no sistema social.

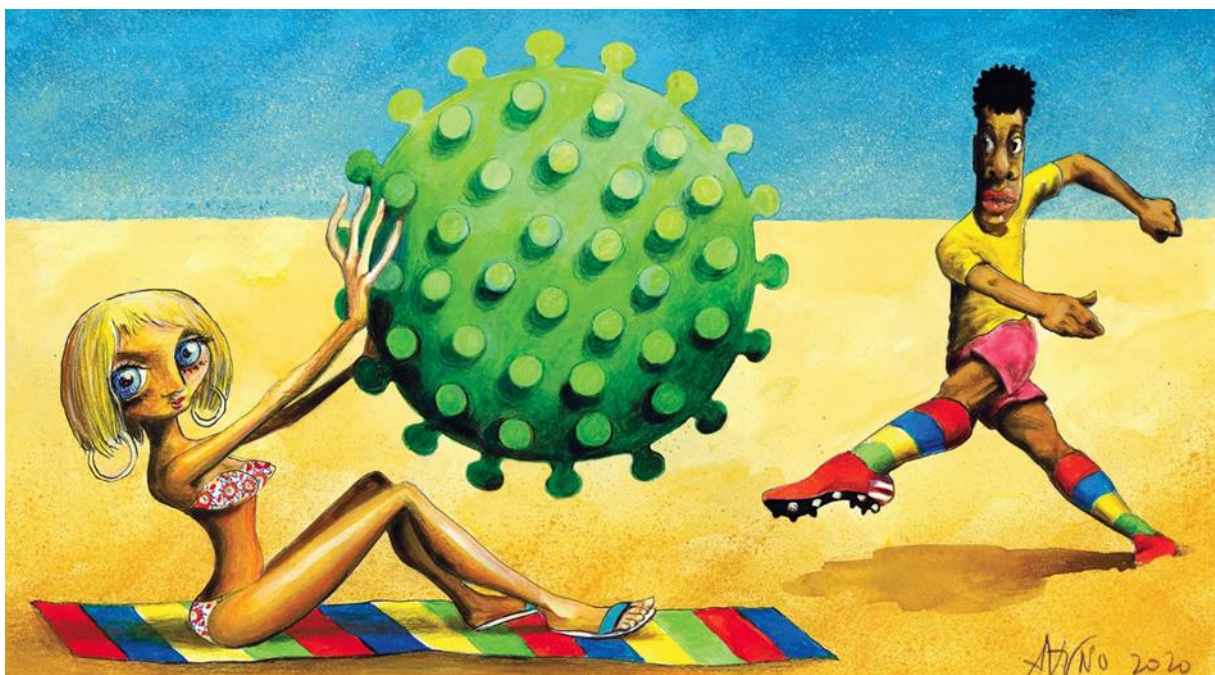
É possível “acalmar o King Kong”?

Espero que sim pois, no contexto atual, não consigo vislumbrar uma alternativa que não conduza a uma catástrofe global.

Como compatibilizar o crescimento económico com a proteção ambiental?

Tem de se inventar uma forma de ter crescimento económico que não seja à custa de recursos naturais e não seja dilapidadora de recursos. Talvez não saibamos ainda como fazer isso. O Governo que disser que para cumprir as metas ambientais não vamos crescer economicamente, traduzindo isso em desemprego e miséria económica, perderá eleições.

Fonte: **Expresso**





OPINIÃO

COVID-19: MEDO NÃO É SOLUÇÃO

Pelas ruas vejo muitas máscaras, algumas no chão, e vejo respeito pelo distanciamento social. Continua o comportamento exemplar e proactivo da sociedade portuguesa. Desde o cidadão comum aos vários sectores da economia, às instituições e até às altas figuras da governação, como o nosso Presidente da República. Vejo todos empenhados em dar o seu melhor, com diversidade nas ideias e interpretação dos factos.

Mas também vejo medo na sociedade. Medo de olhar para os factos. Medo de usar o conhecimento. Medo de agir com base no conhecimento. Eu próprio também tenho receios. Temo que, com o aumento da mobilidade que vai resultar numa subida dos casos de infeção, pois estamos no princípio dos princípios da pandemia, se regresse ao confinamento. Que não se consigam proteger os grupos de risco. Que o Serviço Nacional de Saúde fique sobrecarregado. Que as ruas fiquem outra vez desertas. Que seja dado um passo atrás e não à frente. Que se fique à espera de uma vacina que provavelmente virá, mas demorará tempo. E não podemos ficar confinados à espera.

É possível prever o comportamento deste vírus? Será que vai tornar-se endémico?

Provavelmente sim

A ciência tem aqui um papel essencial e decisivo. Esta não é a primeira pandemia e este não é o primeiro vírus. É um vírus novo na população humana, mas não é um tipo de vírus desconhecido. Pertence a uma família que conhecemos bem. Regularmente somos infectados com vários coronavírus e sabemos muito sobre os coronavírus. Foram descobertos há mais de 80 anos em galinhas com doença respiratória. Todos os anos ensino aos meus alunos de Medicina, os futuros médicos, que vários coronavírus provocam infecções respiratórias e intestinais ligeiras em humanos. Que nos reinfectam regularmente ao longo da nossa vida e que geram uma imunidade de curta duração. E que se estes vírus nos infectarem num estado debilitado, assim como os microrganismos em geral, podem provocar doença grave e morte. E este coronavírus, o SARS-CoV-2 que provoca a doença covid-19, será como os coronavírus que conhecemos? É possível prever o seu comportamento? Será que vai entrar em equilíbrio com a população mundial e tornar-se endêmico? Apesar de não conhecermos tudo sobre este vírus, mas com base no conhecimento que temos sobre esta família viral, a resposta a estas perguntas será, muito provavelmente, sim, sim e sim.

Para todas as doenças há situações que fogem do normal, são raras, como a mulher de 113 anos saudável que recupera de covid-19 ou a criança de três anos que desenvolve síndrome de Kawasaki. E isto confunde e gera medo.

E então, como é que podemos usar a ciência para solucionar esta pandemia? Construindo uma imunidade na população contra o SARS-CoV-2. Como? Por infecção natural ou por vacinação. Não havendo vacina, será possível construir imunidade de grupo com infecção natural mitigada, proteção dos grupos de risco

e perda mínima de vida humana? Sim. Neste momento existem cerca de três milhões de pessoas infetadas confirmadas em estado ligeiro de doença (98%) e cerca de 2% em estado clínico grave ou crítico. Os primeiros estudos serológicos permitem inferir que existem, pelo menos, 10 vezes mais infetados assintomáticos. Com base nestes dados, a proporção estimada de casos clínicos graves ou críticos seria de 0,18%, e não de 2%. Estes factos revelam que o vírus é atenuado. E que se pode construir a imunidade de grupo com medidas inteligentes de mitigação — ou seja, (1) combinação de testes de diagnóstico e serológico; (2) identificação e isolamento de infetados; (3) quarentena preventiva dos contactos, e (4) proteção dos grupos de risco (seguindo exemplarmente as recomendações da Direcção-Geral da Saúde e outras instituições). E à medida que essa imunidade de grupo se vai construindo, mais eficaz se torna a proteção dos grupos de risco e mais liberdade a sociedade reconquista. Até que se deixará de usar máscaras e se voltará a dar abraços. Sem medo.

Pedro Simas, virologista, investigador do Instituto de Medicina Molecular

CUIDADO COM OS SEGUNDOS MANDATOS PRESIDENCIAIS- JOSÉ PACHECO PEREIRA

É uma estupidez da direita ser contra Marcelo e é uma estupidez da esquerda ser a favor. Saiam os chapéus de burro.

Eu já vi este filme: quando Mário Soares se apresentou para um segundo mandato, com a eleição assegurada por todas as sondagens, Cavaco Silva e a direcção do

PSD consideraram que não valia a pena fazer nada, a não ser juntar-se à candidatura vencedora. As eleições presidenciais, com um candidato próprio apoiado pelo PSD, seriam uma perturbação que se iria manifestar na governação presente e futura. Cavaco Silva era muito pragmático sobre isso e entendia que não havia um preço por aí além em apoiar Soares. Enganou-se. Vejo na cabeça de Costa exatamente o mesmo raciocínio: não vale a pena estar a criar problemas com uma derrota numa candidatura presidencial própria contra Marcelo, quando as coisas vão mais ou menos bem. Sublinho o “mais ou menos” para memória futura.

Conheço bem o que se passou porque fui uma das pessoas que foram “enviadas” para a candidatura de Soares, dado que o tinha apoiado na primeira eleição, em 1986, quando o PSD apoiava Freitas, e porque tinha boas relações com Mário Soares. Mas sabia que o idílio era de má-fé, por parte de Cavaco e de Soares, e que o segundo mandato iria ser muito diferente do primeiro. E foi, terminando em guerra aberta, com Soares a fazer tudo para radicalizar o PS contra o Governo, vociferando contra a moleza do partido, a fazer umas “presidências abertas” de propaganda antigovernamental, a ensaiar um congresso da oposição e a usar todos os meios para bloquear a governação de Cavaco, tendo, inclusive, tentado criar condições para dissolver a Assembleia com o pretexto do “mau funcionamento das instituições”, nesse episódio tão mal contado dos corredores da Assembleia.

Marcelo é muito mais autoritário do que se pensa, e o segundo mandato, com apoio do PS, vai dar-lhe ainda mais legitimidade, logo, poder. Faça-se a justiça de que Costa, melhor do que ninguém, sabe disso. A seu tempo, vai-se arrepender. A repetição do cenário de 1991, nos dias de hoje, tem diferenças. Marcelo não é Soares, Costa não é Cavaco, o PSD e o PS não são os mesmos, o CDS caminha para a inexistência, o PCP está paralisado na sua crise, e o Bloco e o Chega cresceram nos extremos. A tribalização da política por via das redes sociais introduziu todos os perigos e riscos de um populismo agressivo, que está no Chega, mas vai muito mais longe. Está, essencialmente, na crescente fragilidade do centro político, PSD e PS, cujos votos são cada vez menos, com a fragmentação da representação política. E há uma nova radicalização da direita, a cuja captura o PSD escapou com Rio, mas que deu origem a uma política reativa contra um inimigo imaginário, em grande parte porque Costa é muito mais centrista do que de esquerda. Tudo diferenças, e as diferenças contam contra a tentação de se achar que está tudo na mesma, porque a coreografia política de 1991 se repete em 2020.

Mas há também similitudes, a maior das quais é que o segundo mandato de Marcelo vai ser muito diferente do primeiro. Os beijos e abraços vão acabar, e não é por causa da pandemia. O teatro da afetividade, que tem sido um instrumento fundamental do primeiro mandato, não é tão genuíno como se diz, e foi uma forma hábil de poder que conta com um aspeto da idiosincrasia de Marcelo, mas só um aspeto. Há outros que continuam lá. Marcelo fez toda a vida uma carreira de cínico lúdico, inócuo e pouco importante nas “gentes” dos jornais e nos comentários. Se lhe acrescentamos poder, não é a mesma coisa. Marcelo é muito mais autoritário

do que se pensa, e o segundo mandato, com apoio do PS, vai dar-lhe ainda mais legitimidade, logo, poder. Faça-se a justiça de que Costa, melhor do que ninguém, sabe disso, mas, como Cavaco em 1991, é um pragmático e, se pode evitar um problema hoje, não o troca pelas dificuldades do futuro. A seu tempo, vai-se arrepender.

E a direita, se não estivesse tão pavloviana a tratar Costa como se fosse um ditador, a enganar-se sempre no seu radicalismo com o que se está a passar, não compreendendo que as razões pelas quais está acantonada a ver o Chega crescer não são resultado de nenhuma conspiração do PS, percebia que Marcelo é o seu melhor candidato. Rio percebeu-o, e ele conhece muito bem Marcelo. Percebeu que Marcelo está muito mais à direita do que à esquerda, e na conjuntura de crise com que se vai viver nos próximos anos, os conflitos com o Governo serão muito mais agudos, a usura do Governo é muito maior e o exercício do poder do Presidente já não depende de considerações de cálculo eleitoral.

Por tudo isto, é uma estupidez da direita ser contra Marcelo e é uma estupidez da esquerda ser a favor. Saíam os chapéus de burro.

José Pacheco Pereira, Historiador

Fonte: Público

COMO A ALEMANHA CONTEVE O CORONAVÍRUS – JENS SPAHN

Comparada com muitos outros países, a Alemanha administrou bem a crise do COVID-19, devido ao seu sistema de saúde adequadamente financiado, vantagem tecnológica e liderança decisiva. Mas, além de qualquer característica única do

sistema alemão, existe algo que todos os países podem replicar: um forte compromisso com a construção da confiança do público.

BERLIM – A Alemanha é frequentemente citada como um exemplo positivo de como gerir a pandemia do COVID-19. Fomos bem-sucedidos na prevenção da sobrecarga do nosso sistema de saúde. A curva de infeções está claramente achatada. E a proporção de casos graves e fatalidades é menor na Alemanha do que noutros países. Mas isso deve suscitar humildade em vez de euforia e confiança.

São três razões pelas quais, por enquanto, a Alemanha está a passar por essa crise relativamente bem. Primeiro, o sistema de saúde alemão estava em boa forma antes da crise; todos tiveram acesso total a cuidados médicos. Este é um mérito não apenas do governo atual, mas de um sistema que foi construído ao longo de muitos governos. Com uma excelente rede de clínicos gerais disponível para lidar com casos mais leves de COVID-19, os hospitais têm conseguido concentrar-se nas situações mais graves.

Segundo, a Alemanha não foi o primeiro país a ser atingido pelo vírus e, portanto, teve tempo de se preparar. Embora sempre tenhamos mantido um número relativamente grande de internamentos hospitalares, principalmente em unidades de cuidados intensivos, também levamos a sério a ameaça do COVID-19 desde o início. Para além disso, a capacidade de UCI do país aumentou rapidamente de 12.000 camas para 40.000.

Terceiro, a Alemanha acolhe muitos laboratórios que podem testar o vírus e dispõe de muitos investigadores em diversas áreas, o que ajuda a explicar porque fomos os primeiros a desenvolver um teste rápido de COVID-19. Com uma população de cerca de 83 milhões de pessoas, somos capazes de realizar até um milhão de testes de diagnóstico por dia e, em breve, teremos capacidade para realizar cerca de cinco milhões de testes de anticorpos por mês. A Massificação dos testes são como apontar uma lanterna no escuro: sem ela, pode ver apenas tons cinzentos; mas com este instrumento, podemos ver detalhes de forma clara e imediata. E quando se trata de um surto de doença, não se controla o que não se vê.

Certamente, como ministro federal da saúde da Alemanha, reconheço que estamos a ver ainda apenas este momento da pandemia. Ninguém pode prever com confiança como esta se desenvolverá nas próximas semanas ou meses. Não impusemos toque de recolher nacionais, mas pedimos aos cidadãos que ficassem em casa voluntariamente. Como muitos outros países, vivemos sob severas restrições à vida pública e privada há dois meses. Pelo que sabemos, esta resposta foi necessária e eficaz.

No entanto, as consequências do confinamento não podem ser ignoradas, e é por isso que estamos gradualmente a tentar voltar ao normal. O desafio é que reduzir as medidas de proteção é um problema potencialmente tão preocupante quanto o de as introduzir. Embora estejamos a operar sob condições de profunda incerteza, podemos ter a certeza do perigo que uma segunda onda epidémica representa. Assim, permanecemos vigilantes.

No entanto, há algumas coisas que já me parecem claras.

Primeiro, é fundamental que os governos informem o público não apenas sobre o que sabem, mas também sobre o que não sabem. Esta é a única maneira de construir a confiança necessária para combater um vírus letal numa sociedade democrática. Nenhuma democracia pode forçar seus cidadãos a mudar os seus comportamentos – pelo menos, não sem incorrer em altos custos. Na procura de uma resposta coordenada e coletiva, a transparência e as informações precisas são muito mais eficazes que a coerção.

Na Alemanha, conseguimos retardar a disseminação do vírus porque a grande maioria dos cidadãos deseja cooperar, por um sentido de responsabilidade individual e comunitária. Mas, para manter este êxito, o governo deve complementar as informações oportunas sobre o vírus com um debate público aberto e um roteiro para a recuperação.

Segundo, além de informar o público, os governos devem mostrar que confiam nos cidadãos para compreender a situação e o que ela exige. Por serem informados, os cidadãos alemães sabem que um retorno à normalidade não é possível sem uma vacina. Ao pensar nas nossas novas rotinas diárias, a nossa fórmula é procurar a maior normalidade possível, com a proteção necessária.

Desde que as nossas decisões sobre onde e como levantamos restrições estejam de acordo com critérios claros e sensíveis, confiamos que serão apoiadas pelos cidadãos alemães. As decisões devem ser orientadas por evidências e enfatizar a redução do risco de infecção. Sabemos que o distanciamento social é a proteção mais eficaz. Quando as pessoas permanecem afastadas pelo menos cinco pés (1,5 metros), o risco de infecção é reduzido substancialmente. E se podemos garantir a

conformidade com as regras básicas de higiene, o risco cai ainda mais. Os restantes riscos residuais podem ser tratados de várias maneiras, dependendo da situação.

Terceiro, a pandemia mostrou por que um mundo interligado precisa de uma gestão global de crises. Infelizmente, a cooperação multilateral tornou-se mais difícil nos últimos anos, mesmo entre aliados próximos. Agora que vemos o quanto precisamos uns dos outros, a crise atual deve ser um alerta. Nenhum país pode administrar uma pandemia sozinho. Precisamos de coordenação internacional e, se as instituições que existem para esse fim não estiverem a funcionar o suficiente, devemos trabalhar juntos para melhorá-las.

Quarto, nós, europeus, devemos reconsiderar a nossa abordagem à globalização, reconhecendo que é essencial produzir bens essenciais necessários, como equipamentos médicos, dentro da União Europeia. Precisamos diversificar as nossas cadeias de produção para evitar estarmos totalmente dependentes de qualquer país ou região. Mas repensar a globalização não significa reduzir a cooperação internacional. Pelo contrário, os esforços conjuntos entre os estados membros da UE já estão a impulsionar o progresso em direção a uma vacina. Uma vez descoberta, será prudente garantir que a vacina seja produzida na Europa, mesmo que seja disponibilizada a todo o mundo.

Como a maioria das crises, esta oferece oportunidades. Em muitas áreas, trouxe o melhor de nós: um novo senso de comunidade, uma maior disposição para ajudar os outros e uma flexibilidade e criatividade renovadas. Não há dúvida de que as consequências a médio prazo da pandemia serão difíceis. Mas, apesar de todas

as dificuldades e incertezas que temos pela frente, continuo otimista. Na Alemanha e noutros lugares, estamos testemunhando do que as nossas democracias e cidadãos liberais são capazes.

Jens Spahn, Ministro da Saúde da Alemanha.

Fonte: **Project Syndicate**

